



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de outorga da  
medalha da Ordem do Mérito Cultural*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 7 DE NOVEMBRO DE 2000

*Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; meu caro amigo, Senador José Sarney; Senhores Embaixadores aqui presentes; Senhor Ministro da Cultura, Professor Francisco Weffort; Senhores Ministros de Estado; Governadores; Parlamentares; Ilustres agraciados com a Ordem do Mérito Cultural; Músicos; Senhoras e Senhores,*

É com imenso prazer que, uma vez mais, presido a cerimônia de condecoração da Ordem do Mérito Cultural.

Como lembrou há pouco o Ministro Francisco Weffort, a quem agradeço por suas palavras, sempre precisas, brilhantes e de profundidade, a outorga desta Ordem já se tornou uma tradição do Dia da Cultura, e uma tradição da qual nós muito nos orgulhamos.

A comenda tem satisfeito o objetivo de ressaltar o empenho com que artistas, intelectuais, empresários e lideranças políticas servem à cultura brasileira. A Ordem não é um prêmio, mas um reconhecimento. Se existe um traço comum aos nomes contemplados desde 1995, é exatamente o da contribuição exemplar que cada um deles prestou ao desenvolvimento cultural do País.

Os agraciados de hoje não escapam à regra. Por distintos que sejam os campos de interesse das ilustres personalidades aqui reunidas, suas trajetórias são variações em torno do tema de defesa da cultura nacional. Daí o respeito e a estima que têm despertado no povo brasileiro.

Sabem os amigos agraciados que os patronos desta cerimônia são personalidades que também fizeram jus ao aplauso de seus contemporâneos: Gustavo Capanema e Gilberto Freyre.

Diria mais, inspirado nas palavras do Ministro Weffort. Vejo Capanema e Freyre como homens que estiveram além de seu tempo, que projetaram muito daquilo que hoje somos, ou desejamos ser.

Uma boa medida da estatura de Capanema era a qualidade de sua *entourage*. Não falo apenas da companhia fiel de figuras como Drummond, Bandeira e Portinari, que fazia de Capanema, nas difíceis circunstâncias do Estado Novo, uma espécie de Mecenas público, como já o haviam sido Dom Pedro II no Império e o Barão do Rio Branco no limiar da República.

Penso também em outro mineiro, Rodrigo de Mello Franco, que ajudou Capanema a montar o Iphan, projeto que bem exemplifica seu pioneirismo em compreender a educação e a cultura sob uma perspectiva nacional.

Passemos agora do “jovem turco” que foi Capanema ao “Mestre de Apipucos”. Gilberto Freyre foi superlativo em tudo onde fixou seu olhar, um olhar panorâmico, embora atento aos detalhes.

Com o apuro literário que jamais lhe faltou, Freyre fez uma vibrante narrativa do cotidiano patriarcal, de suas formas de pensar e sentir, bem antes de os franceses inaugurarem a história das mentalidades como é hoje conhecida.

*Casa Grande e Senzala* foi também um golpe de misericórdia na etnografia racista, desacreditando de vez as teses de branqueamento, a presunção de que seríamos um povo inferior. Há pouco, o Ministro Weffort fez a gentileza de citar-me ao dizer que nós não só somos mestiços, mas gostamos de ser mestiços. E creio que Freyre antecipou e tornou público para o mundo esse sentimento que é muito nosso, de afirmarmos a mestiçagem como um valor, sem ne-

nhum complexo – se complexo houvesse, seria de um grande povo que se fez a partir dessa mistura tão incrível, como o próprio Ministro Weffort acabou de mostrar-nos aqui na sua brilhante aula.

Neste ano emblemático de 2000, em que celebramos os quinhentos Anos do Descobrimento e o centenário de Freyre, não me privo de louvar o painel que Gilberto pintou do Brasil, idílico certamente em alguns aspectos, mas revelador da pujança de nossa plasticidade, valor que se atualiza a cada dia, nos mais diversos campos da vida nacional, e nos faz gostar mais do que somos, do que estamos credenciados a ser.

A plasticidade é certamente a variante que melhor explica a formação do povo brasileiro. Ela remete à matriz ibérica, ou especificamente à matriz portuguesa, que sabemos híbrida, inclusive com aporte mouro. Esclarece a assimilação das culturas indígenas e africanas, tão fundamentais para a modelagem de nossa experiência nos trópicos.

Não menos plástico foi o processo de absorção dos contingentes migratórios que aqui aportaram a partir da segunda metade do século XIX, provenientes dos mais diversos quadrantes do planeta, como já o Ministro Weffort mencionou e que me dispense de repetir.

Eu tampouco tenho a acrescentar ao dito com tanto brilho por Weffort sobre a contribuição desses diferentes povos para a construção do Brasil, sobre como prosperou o sonho de fazer deste país, como ele disse tantas vezes, nós ouvimos depois cantado, *un bel mazzolino di fior*.

Gostaria somente de lembrar que nem sempre a intelectualidade brasileira soube valorizar a importância do permanente diálogo civilizatório em que estivemos envolvidos ao longo da nossa História.

Nem sempre se deu ouvidos a Joaquim Nabuco em sua leitura de que nos seria inerente, a nós brasileiros, uma certa ambigüidade cosmopolita, ou uma dupla ausência, que nos faria, de um lado do mar, sentir a ausência do mundo; do outro, a ausência do País.

Muitos negligenciaram a lição de Massangana e abraçaram um falso nacionalismo, sustentado na premissa de que a identidade nacional se define pela subtração de todo e qualquer ingrediente externo, como se a autarquia do pensamento fosse desejável, ou até possível.

Felizmente o argumento do “nacional por subtração” deixou de fazer escola. O contato crescente com o mundo nos tem aberto os olhos para a importância do fato de que no Brasil, como dizia Paulo Emílio Salles Gomes, e o cito, “nada nos é estrangeiro, pois tudo o é”.

Não que estejamos fadados à “dialética rarefeita entre o não-ser e o ser outro”, expressão tão bem cunhada pelo querido crítico e estudioso do cinema que foi Paulo Emílio.

Soubemos evoluir para a síntese de ser brasileiro na pluralidade, orgulhosos das diferentes experiências que cimentam a nacionalidade, cientes do trunfo que isso representa no diálogo com o mundo, que se diz no limiar de um novo universalismo, calcado em valores humanistas.

Villa-Lobos costumava reclamar quando era chamado por críticos estrangeiros de “compositor brasileiro”, e não de compositor *tout court*, como ocorria, por exemplo, com Brahms, nunca definido como “compositor alemão”.

Ele se achava, sem prejuízo de seu patriotismo, parte de uma confraria universal, com uma obra que poderia sensibilizar a todos. Estava certo Villa-Lobos, e é essa capacidade de gerar linguagens universais, que julgo favorecida por uma formação plural como a brasileira. Isso não somente na expressão musical como nos mais diversos campos da cultura, compreendida em sentido amplo, incluindo ciência e tecnologia.

O Brasil tem condições e quer produzir arte e ciência com timbre universal. Devo dizer que li, há pouco tempo, um brilhante ensaio do agora agraciado Embaixador Sérgio Rouanet, onde coloca essa questão de uma maneira magistral, ao fazer uma série de considerações sobre o universal e o particular. Eu não teria nada a acrescentar, senão que aplaudir as colocações do nosso querido Embaixador.

Se o pluralismo nos deixa à vontade na interlocução com o mundo, ele também concorre para fazer prosperar no plano doméstico os atributos da democracia.

Afinal, que outros valores devem formar uma sociedade democrática senão a tolerância, a capacidade de transigir, o respeito à diferença, todos eles sabidamente inscritos na vivência cultural brasileira?

Durante anos, nossos teóricos se preocuparam em apregoar a liberalização do Estado como ponto nevrálgico na luta pela democracia. O aperfeiçoamento das instituições traria consigo o desanuiamento das tensões sociais. De um Estado livre viria uma sociedade sã e próspera.

A história contrariou a teoria. Foi a sociedade, cada dia mais plural, que se colocou à frente do Estado na adoção dos valores democráticos.

É certo que hoje temos um Estado menos corporativo, mais sensível ao interesse comum, mas alguns importantes ajustes ainda precisam ser feitos, como aqueles que reclamam uma pronta reforma política.

Já a sociedade ganhou inusitado dinamismo, com o exercício da cidadania, a multiplicação de novos atores, a ampliação do espaço público.

Os direitos coletivos entraram em pauta. Os atores deixaram de ser definidos por sua posição no processo produtivo e passaram a assumir múltiplas identidades, como consumidores, ativistas ambientais, minorias, internautas, sem deixar, por outro lado, de ter uma posição no espaço produtivo.

A atividade sindical, que tanto se beneficiou em seus primórdios do ativismo dos imigrantes italianos e espanhóis, não passou incólume por esse processo. Discute com o empresariado e o Governo soluções mais flexíveis para a relação entre capital e trabalho.

O fato é que importantes desafios são apresentados pela sociedade ao Estado, o que requer não apenas a abertura de novos espaços de deliberação, mas o contínuo aperfeiçoamento do sistema de representação.

Se a sociedade se vê ditando boa parte da agenda do Estado, em vez de ser por ele guiada, também traz benefícios para a ação do poder público, como parceira na definição, implementação e controle de políticas sociais.

Eu me permiti, peço por isso desculpas, ir além da questão cultural e me estender um pouco sobre a nova sociedade brasileira e sua relação com o Estado para mostrar que o pluralismo, como valor, tem informado a vida pública do País, para benefício da cidadania, para proveito da democracia.

Democracia que tende a se radicalizar com a vitalidade crescente de nossa cultura, com o florescimento da atividade artística, com o espírito plástico de nossos intelectuais e artistas, mas sobretudo de nosso povo.

Em prefácio que escrevi recentemente a respeito de um de nossos patronos, Gilberto Freyre, insisti sobre o extraordinário alcance do mito que o intelectual pernambucano, brasileiro e universal construiu sobre o Brasil, particularmente no que toca à plasticidade cultural.

Lembrei que, ao lado de Florestan Fernandes, fui crítico de Freyre. Incomodava-nos o olhar generoso que o Mestre de Apipucos estendia para a sociedade patriarcal, abafando tensões, que sabíamos reais. Apontávamos a condição degradante do cativo, a exclusão social.

Hoje, estou convencido de que o Brasil comporta tanto Gilberto Freyre como seus críticos, de que tanto o sentimento de Freyre como o de Florestan são procedentes, de que o País é ao mesmo tempo culturalmente integrador e socialmente injusto. E acho que alguém que teve a audácia de escrever essa frase que nós todos podemos ler aqui, do Gilberto Freyre: “Se depender de mim, nunca ficarei plenamente maduro, nem nas idéias, nem no estilo, mas sempre verde, incompleto, experimental”. Quem escreveu isso sintetiza o que é o espírito do verdadeiro intelectual. E, portanto, aqui e ali, quando exagera, quando erra, quando muda de opinião, não faz mais do que ser um intelectual verdadeiro. Assim foi Freyre. E, hoje, eu me rendo a essa plasticidade de Freyre e digo que, sem abdicar da crítica que fizemos no passado, acrescentamos uma nova dimensão ao Freyre que nos revelou um outro lado do Brasil, que é tão Brasil quanto o lado de que não gostamos.

Portanto, fazer com que o Brasil seja – além de culturalmente integrador – socialmente integrador constitui nosso grande desafio. Desafio que é meu, como Presidente, mas que é de vocês, como intelectuais, artistas, políticos e empresários, e que é de todos os brasileiros.

É o desafio de contribuir para que a mesma plasticidade que habilitou Adoniran Barbosa, e o cito em homenagem a Weffort, pois sei que é um dos seus favoritos, produzir *O Samba Italiano* ou

*Torresmo à Milanese* vingue também nas relações sociais, reduzindo distâncias, diluindo diferenças, transformando o Brasil em uma sociedade mais justa e fraterna.

Se construimos ao longo de quinhentos anos esta Nação plural que é o Brasil, haveremos de ser capazes de enfrentar com êxito nossa herança de desigualdades. Tenho certeza de que estamos no caminho certo, ao somar a força da cultura aos atributos de responsabilidade política e consciência social. Em outras palavras, ao fazer da nossa identidade um instrumento indispensável para que continuemos a realizar as transformações necessárias ao bem do País e de seu povo.

Muito Obrigado.